

NELSON GOBBI

nelson.gobbi@oglobo.com.br

Há 25 anos morando em Nova York, Janaina Tschäpe viveu algumas mudanças no período da pandemia. Uma delas foi física: após três anos de obras, a artista conseguiu levar seu ateliê para o prédio onde mora, em Williamsburg, no Brooklyn, o que lhe permitiu ter mais flexibilidade de horários para se dedicar a seus trabalhos. Outra está relacionada aos materiais usados em suas telas: no lugar dos lápis de aquarela e giz de cera, a pintora passou a usar bastões de óleo, recurso que trouxe flexibilidade e a ampliação do gestual na superfície das telas.

Parte dessas mudanças pode ser vista nas oito obras inéditas presentes na individual “Fire just sparkles in the sky”, em cartaz na Carpintaria até 18 de junho. Na sua primeira exposição no Rio em 13 anos, a artista nascida em Munique (Alemanha) e criada em São Paulo apresenta telas de grande dimensão produzidas com bastões de óleo e pinceladas do diluente caseína durante a pandemia, em Nova York e na capital paulista.

— A aquarela requer muita precisão, o que você põe no papel vai ficar ali. Não dá para apagar ou passar outra camada por cima. Com o óleo, você cria uma relação com as camadas, a textura, o tempo de secagem. Por outro lado, é um material que tenta te controlar, você entra em cada pintura meio sem saber como vai sair — compara Janaina, que em 2020 expôs em instituições como Musée de l’Orangerie (Paris) e o Sarasota Art Museum (Flórida, EUA).

O tempo antes consumido pelo deslocamento passou a ser usado para a produção, depois que o ateliê foi montado no andar inferior ao do apartamento de Janaina.

DEPOIS DE 13 ANOS SEM EXPOR NO RIO, JANAINA TSCHÄPE MOSTRA NA CARPINTARIA TELAS INÉDITAS, CRIADAS A PARTIR DE MUDANÇAS FEITAS DURANTE A PANDEMIA

UM OUTRO ESPAÇO EM NOVA YORK E TROCA DE MATERIAIS



GUITO MORETO

Grande escala. Janaina Tschäpe diante de uma de suas obras: “Ficar junto do meu estúdio me deu mais liberdade”

— Até para não sacrificar o tempo com a minha filha, mantive durante anos uma rotina de trabalho das 9h às 17h. Mas ela está com 16 anos, e agora quem não para mais em casa é ela — brinca Janaina. — Ficar junto do meu estúdio me deu mais liberdade, aquela coisa de poder pintar de pijama, de virar à noite se for preciso e dormir no dia seguinte para compensar. Sou obsessiva com o trabalho e me irritava ter um horário tão rígido. Também é melhor para a concentração, não fica cheio de gente em volta ou com com burocracias para resolver o tempo todo.

COMO UM INSTRUMENTO

Janaina acredita que a nova fase também é fruto de sua maturidade profissional, e que a produção à base de óleo a reconecta com a estudante formada pela Universidade de Belas Artes de Hamburgo, nos anos 1990.

— Na Alemanha, como em outros países da Europa, a pintura ainda é vista como algo muito masculino, é um lugar agressivo para a mulher. Na academia, eu era uma das únicas mulheres que pintava, as outras foram abandonando ao longo do curso. Na época, comecei a trabalhar também com vídeo, performance, fotografia, mas depois fui construindo esse caminho de volta — recorda. — A experiência acumulada permite que você encare esse bicho que é a pintura sem que ele te devore. É como tocar um instrumento por 20, 30 anos. O músico tem a segurança de usar até o que seria um erro a favor dele.

Autora do ensaio crítico que acompanha a exposição, a curadora Pollyana Quintella destaca que o material permite uma negociação entre a pintura e o desenho.

— O bastão de óleo é muito maleável, tem uma fluidez diferente, que cria um gestual e uma textura mais impositiva que a tinta. Isso permite um vigor do gesto, marcando a movimentação do corpo no espaço da tela — observa Pollyana, para quem as abstrações criam fragmentos de paisagens diante dos olhos do espectador. — É como se fossem um lampejo, parece que no próximo piscar de olhos a pintura vai te levar para outro lugar.



Onde: Carpintaria, Jockey Club. Rua Jardim Botânico 971 (3875-5554).

Quando: Ter a sex, das 10h às 19h; sáb, das 10h às 18h. Até 18 de junho.

Quanto: Grátis. **Classificação:** Livre.

O MUSEU COMO ESPAÇO PARA A SAÚDE MENTAL

Em outubro de 2018, a psicóloga Robertha Blatt inaugurou no Museu Nacional de Belas Artes a exposição “Arte aproxima”, projeto voltado a pensar os museus como espaços de promoção da saúde mental, para sensibilizar crianças e jovens por meio do diálogo entre obras de períodos e linguagens diferentes. A resposta do público fez com que a mostra, prevista para durar um mês, se estendesse até janeiro de 2019, a pedido da então diretora do MNBA, Monica Xexéo.

A experiência na qual as crianças interagiam com o espaço do museu e seu

PSICÓLOGA ROBERTHA BLATT LANÇA HOJE O LIVRO ‘ARTE APROXIMA’, ESCRITO A PARTIR DE MOSTRA INTERATIVA REALIZADA NO MNBA COM OBRAS QUE CONVIDAVAM O PÚBLICO À REFLEXÃO



MARCELO CHELLO/DIVULGAÇÃO

Tempo. Covid tornou mais urgente abordar arte e terapia, diz Robertha

acervo, por intermédio de obras participativas criadas para a mostra (inclusive por Robertha), foi reunida em um livro, escrito ao longo de 2019. O trabalho — que inclui a transcrição de uma roda de conversa com a curadora Lisette Lagnado e Ernesto Neto, um dos artistas convidados — estava pronto para ser publicado em 2020, mas foi suspenso pela pandemia. Hoje, Robertha lança finalmente o livro “Arte aproxima” (Ed. Nau

das Letras), às 19h, na Livraria da Travessa do Shopping Leblon.

— O espaço do consultório tem limitações. Através da arte e com uma equipe

que valide as vivências de cada um, é possível levar a experiência da clínica para o museu ou para a rua — observa a psicóloga.

Entre as ativações de obras descritas no livro, uma comparava telas de mesmo tema, como a “Primeira missa no Brasil” pintada por Victor Meirelles em 1860 e Cândido Portinari em 1948, ambas do acervo do MNBA. Em “Cacofonia e fake news”, de Emilia Estrada, os jovens descreviam as telas falando por entre os tubos de papelão que compunham o trabalho, como uma brincadeira de telefone sem fio.

— Além do processo de criação de memória, essa atividade mostra a dificuldade de manter uma mesma narrativa, ainda que num grupo de 30 pessoas. Isso fala tanto sobre os eventos históricos quanto as fake news — comenta Robertha. (Nelson Gobbi)